

R E V I S T A

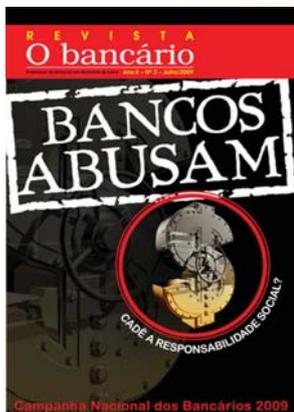
O bancário

Publicação do Sindicato dos Bancários do Ceará Ano II - Nº 2 - Agosto/2009

BANCOS ABUSAM



Campanha Nacional dos Bancários 2009



Revista "O Bancário"

Edição nº 02 – Agosto/2009

Uma publicação do Sindicato
dos Bancários do Ceará - SEEB/CE

Diretor de Imprensa

Tomaz de Aquino

Jornalista Responsável

Lucia Estrela – CE00580JP

Repórteres

Sandra Jacinto – CE01683 JP

Soliana Alves – JP 2243/CE

Estagiários

Camila Queiroz e Darlano Dídimo

Colaboradores:

Reginaldo Aguiar (economia)

Vicente Flávio (editorial)

Projeto gráfico, diagramação e finalização

Normando Ribeiro – CE0043DG

Impressão

Expressão Gráfica

Tiragem: 12.000

Sindicato dos Bancários do Ceará

Rua 24 de Maio, 1289 – Centro

Telefone: (85) 3252 4266 –

Fax: (85) 3226 9194

www.bancariosce.org.br

bancariosce@bancariosce.org.br

Secretaria de Imprensa

Telefone: (85) 3231 4500

Fax: (85) 3253 3996

imprensa@bancariosce.org.br

Diretoria Executiva do Sindicato dos Bancários do Ceará Triênio 2009/2012

Carlos Eduardo Bezerra Marques (BB)
Presidente

Ricardo Barbosa de Paula (Banrisul)
Secretário Geral

Elvira Ribeiro Madeira (CEF)
Secretária de Ação Sindical

Marcos Aurélio Saraiva Holanda (CEF)
Secretário de Finanças

Tomaz de Aquino e Silva Filho (BNB)
Secretário de Imprensa

Marcus Rogério Rôla Albuquerque (Itaú)
Secretário de Suporte Administrativo

Laura Andréa Nascimento Costa (CEF)
Secretária de Formação Sindical

Francisco Alexandre da Silva Citó (Itaú/Unibanco)
Secretário de Organização

Gabriel Motta Fernandes Rochinha (Bradesco)
Secretário de Estudos Sócio-Econômicos

Maria Carmen de Araújo (BNB)
Secretária de Recursos Humanos

Paulo César de Oliveira (Bradesco)
Secretário de Assuntos Jurídicos Individuais

Rochael Almeida Sousa (CEF)
Secretário de Assuntos Jurídicos Coletivos

José Eugênio da Silva (Santander/Real)
Secretário de Saúde e Condições de Trabalho

Pedro Eugênio Leite Araújo (BB)
Secretário de Relações Sindicais e Sociais

José Ribamar do Nascimento Pacheco (Itaú/Unibanco)
Secretário de Esporte e Lazer

Erotildes Edgar Teixeira (Bradesco)
Secretário de Cultura

José Océlio da Silveira Vasconcelos (BNB)
Secretário de Assuntos de Aposentados

José Eduardo Rodrigues Marinho (BB)
Secretário de Assuntos das Sub-sedes Regionais

Conferência Nacional – pág. 2

Encontro define metas e estratégias para a Campanha Salarial 2009

Emprego e Remuneração – pág. 4

Encontro temático definiu cláusulas econômicas dos bancários para este ano

Saúde e Condições de Trabalho – pág. 5

Luta contra o assédio moral deve ser prioridade

Igualdade de Oportunidades – pág. 6

Contraf-CUT levanta bandeira por igualdade para todos

Previdência Complementar – pág. 8

Bancários querem plano de previdência em todos os bancos

Segurança – pág. 9

O mais importante é preservar a vida de todos e não o patrimônio dos bancos

Comunicação – pág. 10

Movimento sindical deve buscar democratização da mídia

Economia – pág. 11

Agenda dos bancários interessa a toda a sociedade brasileira

Conjuntura Econômica – pág. 12

DIEESE analisa as negociações coletivas em 2009 e a Campanha Salarial dos bancários

Tribuna Bancária – pág. 14

Jornal do Sindicato dos Bancários do Ceará completa 30 anos de existência

Comunicação Sindical – pág. 17

O jornalista Vito Giannotti fala sobre os 30 anos da Tribuna Bancária e da importância do jornal sindical

Entrevista – pág. 18

O jornalista Plínio Bortolotti fala sobre a secretaria de Imprensa do Sindicato

Artigo – pág. 20

O secretário de Imprensa do SEEB/CE, Tomaz de Aquino, fala de sua experiência à frente da Secretaria

Uma pauta a ser transformada em conquista através da luta

Mais do que o percurso organizativo, de busca da unidade, de definição de prioridades, todo um processo nacional representativo encerrou a primeira fase da campanha nacional dos cerca de 450 mil bancários brasileiros. É uma categoria que procura se organizar em ramo (Confederação Nacional de Trabalhadores do Ramo Financeiro, portanto, incluindo mais que bancários) na busca de identidade de classe, vivenciando um momento central: o de contratação de sua força de trabalho. E o que será contratado, ao final da Campanha?

Depende da força da Campanha, do curso das mobilizações, do conjunto e da unidade destas mobilizações, do poder de pressão sobre os bancos privados e os bancos públicos (governo Lula) e também de nossa relação com a sociedade, pois, o apoio da população conta para dobrarmos bancos, banqueiros e governo. De toda sorte, o primeiro passo é termos clareza da necessidade de desencadearmos um grande processo conscientizado de mobilização para o necessário acompanhamento participativo e enfrentamento de todos os momentos da Campanha. A fase agora é de enraizamento da própria pauta e engajamento de toda a categoria na Campanha Unificada nacionalmente para que tenhamos êxitos ao final.

A 11ª Conferência Nacional dos Bancários, que ocorreu de 17 a 19 de julho, aprovou uma extensa e rica pauta de reivindicações. Da leitura de conjuntura extraiu-se um consenso de que, como em outros contextos, os bancos continuavam com lucros altos e a crise não pode ser alibi para o não atendimento dos pleitos. Depois de ampla discussão, priorizaram-se como principais pontos de pauta: reajuste de 10% (reposição da inflação + aumento real), PLR de três salários + R\$ 3.850,00, contratação de toda a remuneração (inclusive a parte variável); fim das metas abusivas e do assédio moral; Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS) para todos os bancos com acompanhamentos dos sindicatos; cesta alimentação atualizada em R\$ 465,00 e os pisos, que terão como referência os valores do Dieese: portaria (R\$ 1.432,90), caixa (R\$ 2.763,45), 1º comissionado (R\$ 3.477,88) e 1º gerente (R\$ 4.605,73). No plano geral, ficou o desafio de se articular a regulamentação do sistema financeiro nacional no interesse da classe trabalhadora, portanto, um sistema que reduza os juros e facilite efetivamente o acesso ao crédito.

Que os bancos têm lucros passados e presentes suficientes para o atendimento dos pleitos – ninguém tem dúvida. Não se trata disso. Os trabalhadores do sistema financeiro sabem que as conquistas não vêm só com argumentos. Vêm com mobilização, pressão e luta. Muita luta. E é para esta luta que precisamos ir organizadamente.

A diretoria do Sindicato dos Bancários do Ceará está convencida de que os bancários cearenses – até mais do que em outros momentos – participarão decididamente desta campanha. Precisamos desta participação. Nos locais de trabalho, nas reuniões, nas assembleias e nas greves. Somente com a força e a unidade de toda a categoria conseguiremos transformar a pauta de reivindicações em conquistas dos bancários. Vamos à luta !



Foto: Arquivo

Bancários definem eixos para 2009

A UNIDADE DA CATEGORIA MAIS UMA VEZ VAI SER UTILIZADA COMO ARMA DE LUTA CONTRA OS BANQUEIROS. AS MESAS ESPECÍFICAS DE NEGOCIAÇÃO DEVEM DISCUTIR AS PECULIARIDADES DE CADA BANCO

Durante os dias 17, 18 e 19 de julho, os 640 delegados de todo o País presentes à 11ª Conferência Nacional dos Bancários definiram a pauta de reivindicações e as estratégias da Campanha Salarial 2009. As principais bandeiras deste ano são índice de reajuste de 10% (composto pela reposição da inflação mais 5% de aumento real), PLR de três salários mais R\$ 3.850,00, contratação de toda remuneração dos trabalhadores (inclusive a parte variável), valorização dos pisos salariais, combate às metas abusivas e ao assédio moral, PCS para todos, mais segurança nas agências e regulamentação do Sistema Financeiro Nacional, que incentive o crédito e reduza os juros.

Além disso, os bancários decidiram manter a campanha nacional

unificada entre bancos públicos e privados, com negociações das questões de cada banco sendo realizadas simultaneamente em mesas específicas. O Comando Nacional dos Bancários deve agendar a entrega da pauta de reivindicações à Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) no início de agosto.

“O resultado da Conferência é extremamente positivo, coroando um amplo processo democrático de discussões com os bancários, que passou por assembleias, consultas em todas as bases sindicais e conferências regionais”, avalia Carlos Cordeiro, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) e coordenador do Comando Nacional.

“A Conferência Nacional é a conclusão de uma parte do processo

de construção de nossa campanha salarial. A segunda parte é a da mobilização da categoria. É hora de juntarmos forças para conquistarmos nossos objetivos. Além das cláusulas econômicas, temos que lutar por melhores condições de trabalho, mais segurança nas agências, saúde e um amplo debate junto à sociedade sobre o papel do sistema financeiro”, analisou Marcos Saraiva, presidente do Sindicato dos Bancários do Ceará.

Aumento real de salário

Confirmando a vontade manifestada pela maioria dos bancários nas consultas feitas pelos sindicatos em todo o Brasil e pela pesquisa encomendada pelo Comando Nacional, os delegados que participaram da

11ª Conferência Nacional aprovaram o índice de reajuste de 10%, o que pelas projeções da inflação para setembro/2009 significa aumento real de mais de 5%. O mesmo índice de reajuste deve ser aplicado nas demais verbas salariais (como vale-alimentação e refeição).

PLR maior e contratação da remuneração total

A reivindicação definida após os debates da Conferência e que será levada aos banqueiros é o pagamento de três salários mais R\$ 3.850,00 a título de Participação nos Lucros e Resultados (PLR). Essa é uma das alternativas de distribuição da PLR que o Comando Nacional já havia apresentado à Fenaban, nas conversações iniciadas visando a mudança na fórmula de pagamento, de maneira a torná-la mais justa e transparente. Os bancários também aprovaram a proposta de contratação total da remuneração da categoria, incluída a parte variável.

A intenção é discutir a gestão dos bancos, formular e contratar a renda total dos bancários, através de negociação com os banqueiros a respeito da remuneração variável que compõe cada vez uma parcela maior do salário dos empregados dos bancos para colocar travas, limitar e acabar com a imposição de metas abusivas que atormentam e adoecem os trabalhadores. Além disso, os trabalhadores decidiram reforçar a luta pelo fim do assédio moral, consequência direta da cobrança por metas abusivas, como uma das principais reivindicações em 2009.

Valorização dos pisos

Os bancários querem a valorização dos salários de ingresso na categoria, com o piso salarial de escriturário baseado no salário mínimo do Dieese, de R\$ 2.047,00. O piso de portaria seria de R\$ 1.432,90 e o de caixa R\$ 2.763,45. Para o primeiro comissionado, a reivindicação é de R\$ 3.477,88 e para o primeiro gerente R\$ 4.605,73.

Bancos precisam pagar o que devem para a sociedade brasileira

Durante a 11ª Conferência Nacional dos Bancários, os trabalhadores enfatizaram a necessidade de se cobrar dos bancos a sua verdadeira responsabilidade social representada em seus discursos e propagandas. Os delegados destacaram a importância de que a classe trabalhadora se posicione pautando o debate sobre o modelo de desenvolvimento desejado após a crise econômica.

O presidente da Contraf-CUT, Carlos Cordeiro, destacou quais devem ser as expectativas para a Campanha Salarial deste ano: “nossa mobilização não pode se resumir a discussão do índice e da PLR. Os bancários querem a garantia de seus empregos, fim das metas abusivas e políticas de segurança em defesa da vida”.

O presidente da CUT, Artur Henrique, salientou ainda que os bancários nunca deixaram de participar de importantes lutas da classe trabalhadora como contra a Emenda 3 e as demissões no período de crise. Ele concluiu citando bandeiras da classe trabalhadora que são fortemente defendidas nas campanhas salariais dos bancários, como ratificação da Convenção 158 da OIT, redução da jornada e fim do fator previdenciário.

“Estamos começando mais uma batalha dos trabalhadores contra o patronato, que é a nossa Campanha Salarial. E, como em toda batalha, a união da categoria será fundamental nesse processo”, afirmou o presidente do Sindicato dos Bancários do Ceará, Marcos Saraiva.

Plano de Cargos e Carreira

A Conferência Nacional manteve a proposta de criação de um Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS) para todos os bancos, com o acompanhamento dos sindicatos.

A proposta prevê 1% de reajuste a cada ano de trabalho. A cada cinco anos, esse reajuste será de 2%. O banco é obrigado a promover o bancário pelo menos um nível a cada cinco anos. A proposta de PCS determina, ainda, que os bancos são obrigados a treinar o trabalhador para a nova função por, no mínimo, 60 dias. E quando houver uma nova vaga, o banco é obrigado a fazer um processo de seleção interna para preenchê-la. Para cada cargo e função, o banco deve apresentar a grade curricular necessária e oferecer o curso aos trabalhadores

dentro do expediente. Em caso de descomissionamento do bancário, a comissão será incorporada ao salário integralmente.

Preservação do emprego

Como forma de preservar o emprego, os bancários aprovaram algumas prioridades como a luta por novas contratações; fim das terceirizações; garantia de emprego, inclusive durante os processos de fusão; luta pela ratificação da Convenção 158 da OIT, que proíbe dispensas imotivadas; acabar com as demissões por justa causa em função de endividamento; respeito à jornada de trabalho. Os delegados também definiram reivindicar a ampliação do auxílio-educação para todos e a licença-maternidade de seis meses em todos os bancos.

Encontro temático prioriza preservação do emprego e valorização dos pisos

O Encontro Temático sobre Emprego e Remuneração indicou, na 11ª Conferência Nacional dos Bancários, a luta pela preservação do emprego e pela valorização dos pisos salariais da categoria como dois eixos centrais da Campanha 2009. O índice de reajuste a ser reivindicado aos banqueiros é de 10%. A deliberação surgiu a partir dos resultados das diversas consultas realizadas pelos sindicatos e federações de bancários de todo o Brasil e da pesquisa encomendada pelo Comando Nacional. A pauta de reivindicações será entregue para a Federação dos Bancos (Fenaban) em agosto; a data-base da categoria é 1º de setembro.

Para o diretor do Sindicato dos Bancários do Ceará, Carlos Eduardo, “é eixo principal a preservação do emprego bancário, garantindo também aumento real de salário, do piso salarial da categoria e da PLR”.

Outra preocupação que os bancários apontaram na pesquisa nacional foi em relação ao emprego. Segundo estudo da ContraF-CUT e do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), os bancos fecharam 1.354 postos de trabalho de janeiro a março deste ano no Brasil. No primeiro trimestre, os bancos fizeram 8.236 desligamentos e 6.882 contratações. O estudo mostra ainda que os bancos estão demitindo trabalhadores mais velhos e qualificados para contratar pessoas mais jovens por salários menores – a diferença é de 54,45%.

Veja as principais deliberações do Encontro Temático sobre Emprego e Remuneração

- Piso salarial para escriturário no valor do salário mínimo do DIEESE (R\$ 2.047,00);
- PLR – Mudança do modelo da Participação nos Lucros e Resultados com pagamento de três salários mais valor fixo de R\$ 3.500,00 (esse valor fixo seria corrigido pelo mesmo índice do reajuste salarial);
- Contratação da remuneração variável, com o objetivo de proteger os trabalhadores da imposição de metas abusivas pelos bancos;
- Novas contratações, fim das terceirizações, garantia de emprego, respeito à jornada de trabalho;
- Criação de um Plano de Carreira, Cargos e Salários (PCCS) para todos os bancos, com o acompanhamento dos sindicatos.

Durante o Encontro de Emprego e Remuneração, os bancários definiram as cláusulas econômicas da minuta de reivindicação da categoria 2009



Conferência Nacional aprova reivindicações de Saúde e Condições de Trabalho



Foto: Renato Silva

Com a participação de mais de 600 delegados, o plenário aprovou o texto elaborado pelo grupo temático de saúde e condições de trabalho. Dentre as novidades está a adoção de mecanismos mais abrangentes para coibir a prática de assédio moral e de violência organizacional dentro dos bancos, bem como para aprimoramento das regras para eliminação de riscos no local de trabalho.

No que diz respeito às garantias, a minuta 2009 prevê a manutenção salarial e de todos os benefícios aos trabalhadores afastados por motivo de doença/acidente de trabalho e em licença-maternidade; custeio por parte dos bancos de todas as despesas com tratamentos médicos relativos a doenças do trabalho, inclusive com autorização para que exames e consultas médicas sejam feitas durante o expediente; além de aperfeiçoamento nos procedimentos para registros no INSS, dentre outras medidas.

Os delegados desta 11ª Conferência Nacional também aprovaram que, dentre as cláusulas da minuta relativas à remuneração, deverá constar reivindicação para que os bancos antecipem o 13º salário para todos os trabalhadores licenciados por motivo de agravo à saúde e licença-maternidade.

“As propostas aprovadas visam

Confira as principais deliberações do Encontro:

- A adoção de mecanismos mais abrangentes para coibir a prática de assédio moral e de violência organizacional dentro dos bancos;
- No que diz respeito às garantias, a minuta 2009 prevê a manutenção salarial e de todos os benefícios aos trabalhadores afastados por motivo de doença/acidente de trabalho e em licença-maternidade; custeio por parte dos bancos de todas as despesas com tratamentos médicos relativos a doenças do trabalho, além de aperfeiçoamento nos procedimentos para registros no INSS, dentre outras medidas;
- Reivindicação para que os bancos antecipem o 13º salário para todos os trabalhadores licenciados por motivo de agravo à saúde e licença-maternidade.

aprimorar o combate ao assédio moral, à violência organizacional e às metas abusivas. Além disso, buscamos resgatar a dignidade dos bancários adoecidos, por meio de maior responsabilização dos bancos, que são os verdadeiros responsáveis pelos agravos aos trabalhadores”, afirma Plínio Pavão, secretário de Saúde da Contraf-CUT.

Para o secretário de Saúde do Sindicato dos Bancários do Ceará,

Eugênio Silva, “nas reivindicações deste ano, devemos dar um destaque maior à eliminação da prática da imposição e cobranças por metas abusivas, as quais atingem os bancários não só de forma emocional, mas também originando várias doenças do quadro da LER/DORT. Há inúmeras reclamações de bancários se queixando das cobranças por metas que são feitas diariamente em reuniões realizadas no início do expediente”.



Os debates sobre Igualdade iniciaram-se durante as conferências regionais

Igualdade de oportunidades é responsabilidade de todos os bancários

Os trabalhadores bancários deliberaram, na 11ª Conferência Nacional dos Bancários, medidas para lutar pela igualdade de oportunidades. Dentre elas, a distribuição, para as entidades, do programa Mulheres em Movimento Mudam o Mundo e a articulação de atos por todo o País. “A igualdade de oportunidades é uma questão de direitos humanos, daí a importância dos atos para uma maior integração com a sociedade como um todo”, afirma a diretora do Sindicato dos Bancários do Ceará e membro do Coletivo de Gênero, Raça / Etnia e Diversidade Sexual (GREDS), Carmen Araújo.

O objetivo do programa Mulheres em Movimento Mudam o Mundo é discutir a inserção das mulheres nos cargos de direção em bancos e sindicatos, além da igualdade salarial, pois já há uma boa participação no mercado, mas o salário das mulheres está aquém do valor recebido pelos homens que

desempenham a mesma função. “Se uma mulher faz o mesmo trabalho que um homem e ganha menos, isso é discriminação. E as mulheres estão sendo violentadas quando há discriminação!”, enfatiza Carmen Araújo.

O Mapa da Diversidade também é um instrumento para a luta pela igualdade de oportunidades e foi debatido durante a 11ª Conferência Nacional dos Bancários com a participação da coordenadora da pesquisa, professora e pesquisadora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), Maria Aparecida da Silva Bento. Os delegados bancários de todo o País discutiram a importância de se apropriar das informações do Mapa da Diversidade – que ouviu 204.794 trabalhadores nacionalmente – e envolver outros atores da sociedade na discussão.

Segundo Maria Aparecida, a desigualdade só deixará de existir se quem não é oprimido também

se sentir responsável. Isto é, se os “incluídos” não fizerem parte da luta, haverá a formação de guetos, e não o fim da desigualdade. Para a professora e pesquisadora, “daqui a 3 ou 5 anos haverá uma diferença significativa no campo de trabalho nos bancos com relação à luta pela igualdade de oportunidades, porque é um setor que responde rápido, mas isso só acontecerá se a categoria tomar para si essa responsabilidade”, alerta.

Já existem cotas que visam acabar com os preconceitos, entretanto elas não vêm sendo cumpridas pelos bancos. Às vésperas de completar 18 anos, a Lei das Cotas, que garante para pessoas com deficiência um mínimo de 5% de vagas em empresas com mais de 1.001 funcionários, ainda é descumprida pelos bancos de maneira escandalosa. Existem 7 mil bancários com deficiência, o que atinge apenas 64% da cota mínima.

Mapa da Diversidade

O Mapa da Diversidade, divulgado no dia 2/7 pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban), em reunião na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, em Brasília, comprova o que os bancários vêm denunciando há mais de uma década: existe discriminação contra as mulheres, contra os negros e contra as pessoas com deficiência dentro dos bancos.

O estudo, montado a partir de uma pesquisa respondida por 204.794 bancários de todo o Brasil, revela que as mulheres ganham 78% dos salários dos homens e encontram mais obstáculos para a ascensão profissional. Apenas 19,5% dos trabalhadores do sistema financeiro são negros ou pardos, que ganham, em média, 84,1% do salário dos brancos. A discriminação é ainda maior em relação às mulheres negras: somente 8% delas conseguem emprego nos bancos. Diante dos resultados, a Febraban realmente concordou na pesquisa que existe discriminação e que ela se manifesta de várias formas. Percebeu-se que há menos mulheres e negros na chefia, por exemplo.

O Mapa da Diversidade confirma os dados da pesquisa sobre emprego e desemprego que a Contraf-CUT e o Dieese divulgaram no dia 16/6, re-

lativa ao primeiro trimestre de 2009. O salário médio das mulheres contratadas pelos bancos nos primeiros três meses do ano foi de R\$ 1.535,34, enquanto a remuneração média dos homens admitidos no mesmo período chegou a R\$ 2.022,56 – uma diferença de 24,09% em prejuízo das bancárias. Além disso, houve uma redução de 11,2% no salário médio das mulheres contratadas este ano em relação ao primeiro trimestre de 2008, quando esse valor foi de R\$ 1.729,37.

O secretário de Saúde e Condições de Trabalho do SEEB/CE, Eugênio Silva, enfatiza que o reconhecimento dos bancos à discriminação dentro das agências é importante, mas é fundamental que, a partir disso, os banqueiros se abram ao diálogo para que sejam tomadas providências. “O resultado da pesquisa abre caminhos para a sensibilização dos banqueiros. Esperamos que na Campanha Salarial desse ano nossas propostas sejam concretizadas”, finaliza.



Coletivo de Gênero, Raça / Etnia e Diversidade Sexual do Sindicato dos Bancários do Ceará

Cotidianamente, os bancários e bancárias já haviam percebido a discriminação. Com o objetivo de discutir temas no âmbito dos direitos humanos e cidadania, a Secretaria de Formação do Sindicato dos Bancários do Ceará propôs a criação do Coletivo de Gênero, Raça / Etnia e Diversidade Sexual (GREDS), instituído em agosto de 2008.

A proposta do Coletivo GREDS é seguir as orientações da CONTRAF-CUT, que criou o CGROS – Comissão de Gênero, Raça e Orientação Sexual, e mobilizar os bancários em torno desses temas tão relevantes para a sociedade brasileira. Para o Coletivo, a palavra-chave é igualdade de oportunidades para todos e todas.

Igualdade de oportunidades: reivindicação antiga da categoria

1996 – A CUT lança a campanha de Igualdade de Oportunidades: na vida, no trabalho e no movimento sindical.

1998 / 1999 – A categoria bancária faz do tema eixo de campanha salarial com o lema “Nunca Desista”.

Na Campanha Salarial **2000**, o tema manteve-se como eixo, e, dessa vez, foi negociado e incluído na Convenção.

Em **2001**, é lançada a publicação “Os rostos dos bancários” – mapa de gênero e raça do setor bancário brasileiro”, que apresenta dados discriminatórios na categoria bancária.

Na Convenção Coletiva **2001/2002**, a redação ficou da seguinte maneira: “Cláusula 51 – Igualdade de Oportunidades. As partes ajustam, entre si, a constituição da comissão bipartite, que desenvolverá campanha de conscientização e orientação a empregados, gestores e empregadores, no sentido de prevenir eventuais distorções que levem a atos e posturas discriminatórios nos ambientes de trabalho e na sociedade me geral”.

Bancários decidem intensificar luta por Previdência Complementar para todos

O plenário geral da 11ª Conferência Nacional dos Bancários aprovou no dia 18/7 as reivindicações da categoria referentes à Previdência Complementar. As propostas estão em sintonia com as deliberações de 2008 e ganham também destaque na Campanha Nacional deste ano.

O objetivo central dos bancários é assegurar nas negociações a implantação de Previdência Complementar em todos os bancos, com gestão compartilhada e representantes eleitos pelos participantes na direção e conselhos dos fundos de pensão. A maioria das instituições financeiras privadas não propicia essa oportunidade aos seus funcionários.

Além de lutar pela universalização do direito a fundo de pensão entre os bancários, a plenária da Conferência respaldou a proposta de criação de três fundos específicos, patrocinados pelas instituições financeiras, para custear o auxílio-alimentação, a Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e o plano de saúde dos funcionários durante a aposentadoria.

Entre várias ações políticas aprovadas, a categoria decidiu também exigir o fim do fator previdenciário, mecanismo de redução das aposentadorias adotado na Reforma Previdenciária de 1998.

No encontro, José Ricardo Sasserone, presidente da Associação Nacional dos Participantes de Fundos de Pensão (Anapar), também defendeu a instituição de fundos de pensão para todos os bancários como prioridade da categoria no embate com os patrões na campanha nacional deste ano. “O desafio é fazer com que a Previdência Complementar seja universalizada entre os bancários, com a criação de planos em todos os bancos”, afirmou.

O secretário de Aposentados do



Foto: Renato Silva

Sindicato dos Bancários do Ceará, Océlio Silveira, destacou o crescimento da atenção que vem sendo dada ao assunto. “A Previdência Complementar vem ganhando cada vez mais espaço e

força na agenda de reivindicações dos bancários nas Campanhas Salariais. O nosso objetivo principal é a suplementação dos benefícios e serviços do seguro social básico”, disse.

Conheça as principais reivindicações sobre Previdência Complementar

Prazo de 180 dias, a partir da assinatura da Convenção Coletiva, para os bancos instituírem Plano de Previdência Complementar fechado para todos os seus empregados;

Exigir a transparência nos fundos de pensão;

Convencionar a extensão de direitos aos aposentados;

Lutar pelo fim do voto de Minerva;

Priorizar o debate sobre previdência complementar nos sindicatos;

Estimular a adesão dos trabalhadores que ainda não participam de planos de benefícios;

Lutar pelo fim do fator previdenciário.

Segurança: proteger a vida de bancários e clientes deve ser prioridade



Foto: Renato Silva

A preocupação com a vida dos bancários, clientes e vigilantes dominou os debates no Encontro Temático sobre Segurança Bancária, no dia 17/7, em São Paulo.

Durante o Encontro, a Contraf-CUT apresentou o resultado da pesquisa sobre a percepção dos bancários em relação à segurança e também as autuações feitas pela Comissão Consultiva para Assuntos de Segurança Privada (CCASP) aos bancos que desrespeitaram a legislação de segurança.

Os representantes de bancários e vigilantes denunciaram o descaso das instituições financeiras com a segurança, expondo trabalhadores e população aos riscos da violência. “Defender a vida dos clientes e trabalhadores tem que ser nossa prioridade. Nada adianta discutir emprego, remuneração e outros temas se os trabalhadores estão vulneráveis no seu local de trabalho”, afirma o presidente da Contraf-CUT, Carlos Cordeiro.

O presidente da Confederação Nacional dos Vigilantes (CNTV), José Boaventura, ressaltou a impor-

tância de cobrar a atualização da lei nº 7102/83, que determina regras mínimas para o funcionamento dos estabelecimentos financeiros e que prevê o fechamento de agências que não tenham um plano de segurança aprovado pela Polícia Federal. “Os bancos querem retirar a palavra ‘obrigatoriedade’ da lei e manter o funcionamento normal das agências mesmo sem condições mínimas de segurança”, afirmou Boaventura. “O que eles querem é ficar livres da fiscalização”, finaliza.

Preservar a vida e não o patrimônio

De acordo com a lei vigente hoje no Brasil, sem o plano de segurança ou apresentando irregularidades como descumprimento das determinações do mesmo, inoperância de itens ou não renovação perante a Polícia Federal, as agências deveriam ser interditadas. Infelizmente, isso acontece em poucos casos. De acordo com os dados da CCASP, a inexistência de plano para as agências é a principal infração co-

metida pelos bancos.

“O que os trabalhadores querem é a preservação da vida de bancários e clientes e não do patrimônio dos bancos”, disse Carlos Eduardo, diretor do Sindicato dos Bancários do Ceará.

Outras questões também foram abordadas durante o Encontro sobre Segurança, como o transporte de valores e abastecimento de caixa eletrônico efetuados sem segurança por trabalhadores bancários, portas com detectores de metais antes do auto-atendimento, aumento do número de vigilantes armados e com coletes de segurança. Há também a preocupação de que as agências criem um espaço exclusivo destinado ao estacionamento dos carros-fortes. O objetivo é de trazer mais segurança para vigilantes, clientes e pessoas que estão circulando nos arredores das agências, evitando transtornos no momento de carregar ou descarregar valores do veículo.

Lei

No dia 14/7, a Contraf-CUT e a CNTV, que também integra a CCASP, entregaram um projeto de lei de segurança privada ao ministro da Justiça, Tarso Genro.

No documento constam itens prioritários que foram esquecidos pelo projeto anterior apresentado pela Polícia Federal. Dentre eles, a ampliação dos equipamentos de prevenção, como a obrigatoriedade da porta com detector de metais e câmeras, a intensificação da segurança no transporte de valores e medidas para garantir a proteção da vida de clientes e trabalhadores também nos correspondentes bancários.

Ao final do Encontro, os participantes referendaram a pauta de reivindicações sobre segurança que deverá ser incorporado à pauta geral da categoria.

Encontro debate o papel da **comunicação sindical** e as estratégias de democratização da mídia



Foto: Renato Silva

Democratização da comunicação

— “As classes dominantes investem em comunicação como estratégia mais do que o campo popular”, disse em sua palestra o professor e jornalista Bernardo Kucinski, chamando a atenção para a necessidade de os movimentos sociais, os sindicatos e os partidos políticos progressistas darem mais atenção a essa questão crucial na sociedade contemporânea. Para Kucinski, a “mídia tradicional ainda tem grande poder, embora ele tenha sido limitado pelas novas tecnologias de comunicação”, que precisa ser combatida com uma comunicação democrática. “Temos que ter os nossos jornais, que permitam o florescimento de todas as formas de expressão”, finalizou.

Buscar avanços permanentes para aprimorar a comunicação do movimento sindical com a categoria e com toda a sociedade foi o objetivo principal do 2º Encontro Nacional de Comunicação, promovido pela Contraf-CUT, no dia 16/7. Estiveram reunidos no auditório da entidade, em São Paulo, 106 secretários de imprensa e jornalistas das federações e sindicatos filiados de todo o País. Os temas debatidos foram, desde a importância estratégica da comunicação na sociedade contemporânea, o papel da grande mídia e as possibilidades de democratização da informação pelas novas tecnologias.

O secretário-geral da Contraf-CUT, Marcel Barros, abriu o Encontro destacando a importância da comunicação para a construção de um outro mundo possível. “Temos que pensar no projeto que queremos para a classe trabalhadora e para o País, e esta é uma excelente oportunidade

para elaborarmos essas propostas”, afirmou Marcel.

O secretário de Imprensa, Ademir Wiederkehr, ao falar na abertura, também defendeu que os debates do Encontro possam ajudar a promover avanços na comunicação dos bancários. “Respeitando a autonomia dos sindicatos e federações, esperamos fortalecer a atuação independente, mas também que seja feita de forma integrada, para que juntos possamos melhorar a rede de comunicação dos bancários”, disse.

O Encontro foi dividido em quatro mesas. A primeira, que discutiu Mídia e Democracia, teve como palestrantes o jornalista Bernardo Kucinski, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), e o secretário executivo da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, Ottoni Fernandes Jr. Os debates dessa primeira mesa foram coordenados

pela assessora de imprensa do Sindicato dos Bancários do Ceará, Lucia Estrela, juntamente com o secretário de Formação da Contraf-CUT, William Mendes.

Na segunda mesa, o pesquisador sênior do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Política (Nemp) da Universidade de Brasília, Venício A. Lima, discorreu sobre o tema Novas Tecnologias e a Batalha da Comunicação. Na terceira, Ademir Wiederkehr, focou a Rede de Comunicação dos Bancários, destacando a importância de um trabalho integrado com sindicatos e federações. Em seguida, Ademir expôs a proposta de mídia nacional da Campanha Nacional 2009.

Ao final, o jornalista e diretor do Sindicato de São Paulo, Paulo Salvador fez uma apresentação do Projeto Rede Brasil Atual, mantido por mais de 50 entidades sindicais e que envolve a Revista do Brasil, portal e rádio.

Trabalhadores têm papel importante na agenda pública nacional

Os trabalhadores têm papel fundamental para mudar a agenda pública nacional. Primeiro por meio das negociações coletivas. Quando conquistam a recuperação dos salários, ajudam a injetar renda fortalecendo a economia nacional. Esta foi a avaliação do supervisor técnico do Dieese, Sérgio Mendonça, ao destacar que a agenda setorial dos bancários interessa a todo o País. O economista fez apresentação sobre a conjuntura econômica nacional e internacional abrindo o segundo dia da 11ª Conferência Nacional dos Bancários, 18/7, em São Paulo.

“Os desafios neste período de transição no Brasil, saída da crise, passam pela redução das taxas de juros, diminuição de encargos de juros da dívida interna pública federal, pelo papel dos bancos voltado para o desenvolvimento. Essa agenda de discussão setorial interessa a todo o País. Temos que disputar essa agenda”, afirmou ele.

Para Mendonça, salário e emprego decente, meio ambiente, regulamentação do sistema financeiro, combate ao protecionismo, taxação dos mais ricos, ampliação das políticas de proteção social, taxa de câmbio flexível, controle de capitais, revisão do papel do FMI e do Banco Mundial são desafios mundiais e que o G20, grupo de países do qual o Brasil faz parte, deve ser um dos responsáveis por novas regulamentações.

Crise

Sérgio Mendonça lembrou que esta é a maior crise desde 1929. O



Foto: Renato Silva

Brasil passou por várias crises nos anos 80, mas que foram crises localizadas e que não tinham impacto global. Para o economista, a crise tende a ser longa, porque os três blocos econômicos mais poderosos estão em uma grande recessão. O economista destaca, entretanto, que pela primeira vez, o Estado brasileiro não arrasta o Brasil para a crise.

Mendonça destacou que o Estado pode atuar empurrando a economia

“ SALÁRIO E EMPREGO DECENTE, REGULAMENTAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO E AMPLIAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS SÃO DESAFIOS MUNDIAIS ”

para cima através das estatais e bancos públicos (BB, CEF, Petrobras, Basa, BNB) que podem estimular o crédito e reforçam a taxa investimento.

Ele lembrou, no entanto, que dezembro de 2008 foi o pior momento para o emprego: queda de 665 mil empregos, mas ele acredita ser provável que o Brasil gere cerca de 700 mil empregos neste ano.

Sistema financeiro

Mendonça analisa que, apesar da crise, os lucros dos bancos cresceram muito, por causa do spread e juros elevados. A rentabilidade dos bancos brasileiros continua alta, uma das maiores internacionalmente. “A queda dos lucros do setor bancário não é ruim para o Brasil”, afirmou o economista. “Há muito espaço para este declínio, o que significa, espaço para o crescimento da economia do País”, completa.

O especialista afirmou ainda que a perspectiva para o futuro é de que ocorra, por meio da regulamentação do sistema financeiro, uma revisão do papel dos bancos na sociedade brasileira. Mais uma vez, ele destacou que os bancos pagam praticamente todas suas despesas, incluindo a folha de pagamentos, apenas com uma das suas três fontes de receitas: a prestação de serviços, especialmente tarifas. Portanto, as receitas provenientes da tesouraria e do crédito são diretamente revertidas em impostos e em lucro. “Há uma tendência de estabilidade do setor em cinco bancos: BB, Itaú Unibanco, Bradesco, Santander e Caixa e tudo indica que, no segundo trimestre de 2009, com a divulgação dos balanços, o Banco do Brasil vai retomar a frente como maior banco do País em ativos”.

Pelo cenário apontado pelo economista, salários e empregos decentes são o mínimo que o setor bancário deve assegurar para a sociedade brasileira.

Bancários e as negociações coletivas em 2009

Por Reginaldo Aguiar/DIEESE-CE e Pedro Tupinambá/DIEESE-DF

DENTRE AS CAMPANHAS SALARIAIS DO SEGUNDO SEMESTRE, BANCÁRIOS, PETROLEIROS E METALÚRGICOS SÃO REFERÊNCIAS NACIONAIS, CONSIDERANDO O FORTE GRAU DE ORGANIZAÇÃO DESSAS CATEGORIAS. DADOS OS CENÁRIOS DE NEGOCIAÇÃO PARA O ANO DE 2009 FAREMOS UMA BREVE RETROSPECTIVA DOS PRINCIPAIS FATOS OCORRIDOS DESDE O ANO DE 2008.

Conjuntura econômica de 2008-2009

Em 2008, um dos maiores determinantes das negociações foi a forte elevação da inflação influenciada, sobretudo, pela alta dos alimentos; por outro lado, a partir de setembro veio à tona a crise financeira internacional e, paralelamente, as incertezas ao movimento sindical em relação ao desenlace das negociações coletivas no ano de 2009. De fato, como reflexo disso constatou-se os impactos da crise internacional – refletidos internamente no baixo crescimento econômico, na queda das exportações e no nível de investimento privado.

No cenário externo, vivenciou-se um ambiente absolutamente instável, tendo em vista as possibilidades de repercussões no desempenho

das grandes corporações, incluindo as instituições/conglomerados financeiros em todo o mundo; somando-se a isso, as incertezas em relação ao comportamento do mercado consumidor e do nível da atividade econômica das maiores economias mundiais, os Estados Unidos e a União Européia.

Balanco das Negociações Coletivas

No Brasil, o balanço das negociações é um levantamento realizado pelo DIEESE desde 1996. Nesses estudos tem-se revelado que de todas as Convenções Coletivas de Trabalho (CCTs) e Acordos Coletivos de Trabalho (ACTs) analisadas, no ano de 2003 houve o pior desempenho das negociações coletivas no País, quando a maioria das categorias não conseguiu repor as perdas daquele ano, não conseguindo sequer

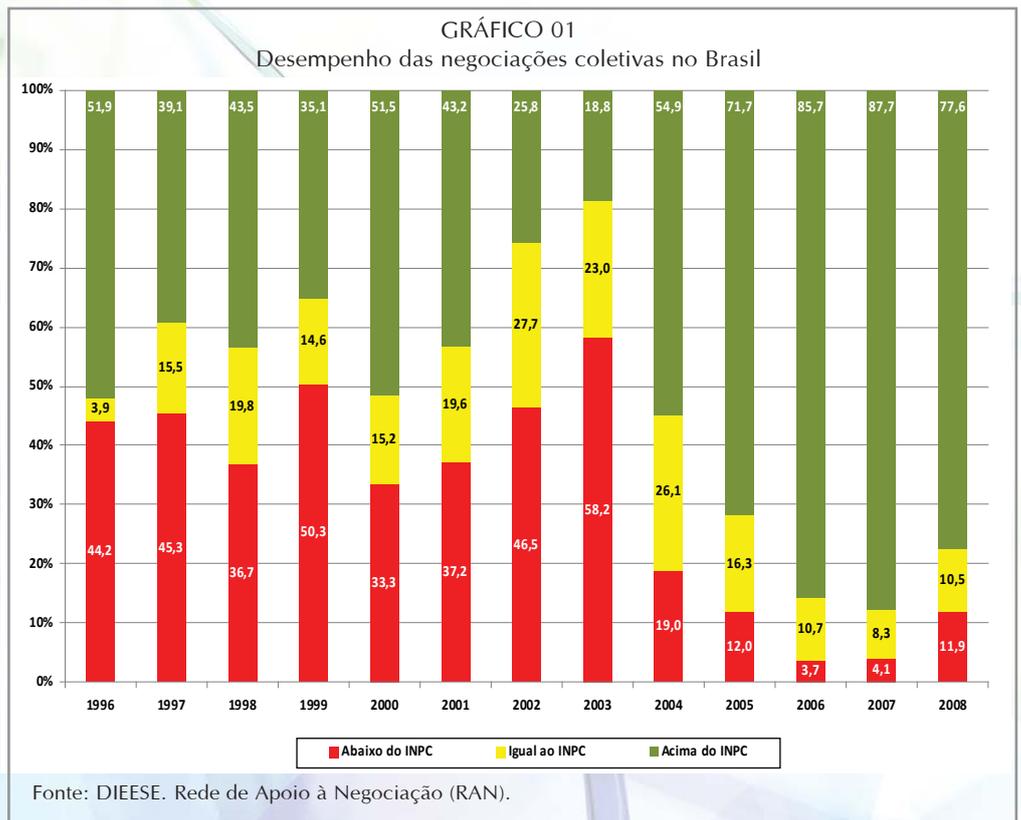
a inflação medida pelo INPC-IBGE. Por outro lado, os estudos realizados mostraram que a partir de 2004 se reverteu o desempenho das negociações coletivas em razão dos ganhos reais (acima da inflação) conquistados na maioria das negociações (gráfico 1).

Dados preliminares do balanço das negociações (tabela 01) revelam que de janeiro a maio de 2009, em comparação ao mesmo período de 2008, a quantidade de categorias que obtiveram ganho real aumentou, apesar do índice de ganho real ter diminuído. Em outros termos, um maior número de categorias de trabalhadores teve conquistas acima do INPC, embora em menor proporção ao mesmo período de 2008. Vale ressaltar que o fator que explica esse cenário de negociações não está ligado à crise financeira internacional, já que ela só

veio a estourar em setembro de 2008 e parte significativa das negociações já estavam concluídas. Outro fator é que os níveis de inflação de janeiro a maio de 2009 foram maiores que os verificados em 2008; no entanto, só a partir de junho que a inflação acumulada situou-se num patamar menor em relação ao ano de 2008. Desse modo, os resultados levantados pelo DIEESE demonstram que o ajuste da crise está ocorrendo a partir do nível de emprego, e não por meio de reajustes menores.

Comportamento do emprego bancário no cenário de crise

Com base na Pesquisa de Emprego Bancário, publicada em junho de 2009 pelo DIEESE, a partir dos registros do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE),



podemos observar um aumento no saldo negativo entre as admissões e desligamentos. De fato, no primeiro trimestre de 2009 verificou-se um saldo negativo de 1.354 postos de trabalho no setor bancário brasileiro, dadas as 6.882 admissões e 8.236 desligamentos. Outro aspecto relevante na movimentação do emprego nas instituições financeiras é que temos tido uma crescente substituição de bancários com remuneração mais elevada (nos cargos de maior nível hierárquico e maior escolaridade) por bancários com menor remuneração média. De acordo com os dados levantados, constatou-se que a diferença entre a remuneração média dos admitidos em relação aos desligados situou-se em torno de 54,45%. Assim, os ajustes realizados pelos bancos deram-se tanto a partir do emprego quanto na remuneração dos trabalhadores (Tabelas 02 e 03).

Regionalmente, considerando que a área comercial dos bancos continua sendo uma área estratégica, percebe-se que os cortes têm se dado de forma intensiva na área administrativa. Por outro lado, como a matriz da maioria dos bancos situa-se na Região Sudeste, notadamente no Estado de São Paulo, é onde se encontra a maior queda de postos de trabalho, diferentemente nas demais regiões do País (a exemplo do Norte/Nordeste), onde os ajustes no emprego têm se dado de forma menos intensa, apesar de terem sido mantidas as diferenças de remuneração entre admitidos e desligados em todos os estados brasileiros.

Enfim, apesar da inserção do Brasil numa conjuntura econômica nacional e internacional adversa constata-se que a taxa de rentabilidade das instituições financeiras que operam no Brasil é no mínimo o dobro da rentabilidade alcançadas em outros países. Assim, os níveis e o padrão de acumulação das instituições financeiras brasileiras permitem que bons acordos possam ser celebrados pelos trabalhadores, além de termos uma excelente oportunidade de discutir o quanto o setor financeiro continua auferindo lucros exorbitantes, além dos patamares de rentabilidade superiores aos padrões internacionais.

Tabela 01:
Distribuição dos reajustes salariais Brasil
Comparação de 2008 em relação a 2009

VARIAÇÃO	2008		2009	
	Nº	%	Nº	%
Acima do INPC	80	77,7	82	79,6
Mais de 5% acima	-	-	3	2,9
De 4,01 a 5% acima	2	1,9	2	1,9
De 3,01 a 4% acima	3	2,9	2	1,9
De 2,01 a 3% acima	8	7,8	10	9,7
De 1,01 a 2% acima	33	32	22	21,4
De 0,01% a 1% acima	34	33	43	41,7
Igual ao INPC	12	11,7	17	16,5
De 0,01% a 1% abaixo	11	10,7	3	2,9
De 1,01% a 2% abaixo	-	-	1	1
De 2,01% a 3% abaixo	-	-	-	-
De 3,01% a 4% abaixo	-	-	-	-
De 4,01% a 5% abaixo	-	-	-	-
Abaixo do INPC	11	10,7	4	3,9
Total	103	100,0	103	100,0

Fonte: DIEESE. Rede de Apoio à Negociação (RAN). Dados preliminares.

Tabela 02:
Admitidos, desligados, remuneração média, saldo de emprego e
diferença da remuneração média por mês
Brasil – janeiro a março de 2009

Mês/Ano	Admitidos	Rem.Média (em R\$)	Desligados	Rem. Média (em R\$)	Saldo	Dif. % da Rem. Média
jan/09	1.787	19.992,47	2.990	4.012,62	-1.203	-50,34%
fev/09	2.337	1.554,45	2.313	4.175,49	24	-62,77%
mar/09	2.758	1.869,53	2.933	3.679,80	-175	-49,19%
Total	6.882	1.794,46	8.236	3.939,84	-1.354	-54,45%

Fonte: M.T.E/CAGED

Elaboração: Subsessão DIEESE - CONTRAF/CUT

Tabela 03:
Admitidos, desligados, remuneração média, saldo de emprego e
diferença da remuneração média por mês
Brasil – janeiro a março de 2008

Mês/Ano	Admitidos	Rem.Média (em R\$)	Desligados	Rem. Média (em R\$)	Saldo	Dif. % da Rem. Média
jan/09	4.628	2.083,76	3.279	2.985,83	1.349	-30,21%
fev/09	4.251	1.890,98	3.166	3.158,31	1.085	-40,13%
mar/09	4.444	2.242,34	3.739	3.314,99	705	-32,36%
Total	13.323	2.075,14	10.184	3.160,30	3.139	-34,34%

Fonte: M.T.E/CAGED

Elaboração: Subsessão DIEESE - CONTRAF/CUT

Tribuna Bancária completa 30 anos de criação

O JORNAL DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CEARÁ DESTACA-SE HOJE COMO UM DOS PRINCIPAIS JORNAIS DE ENTIDADES SINDICAIS NO ESTADO

A *Tribuna Bancária* nasceu junto com a reação do povo brasileiro contra a opressão e contra a famigerada ditadura militar, seguindo o reacquecimento do movimento sindical em todo o País. Em plena fase de redemocratização, em 1979, o Sindicato dos Bancários do Ceará resolveu não ser só mais um nesse processo e criou o jornal como forma de conscientizar a categoria e a sociedade cearense para o nascimento de um novo tempo: sem intervenções, sem prisões ilegais, sem censura, mas com muitos sonhos e realizações para serem construídos.

O jornal foi criado 46 anos após a fundação do Sindicato e, inicialmente, não tinha nenhuma padronização, fosse ela editorial ou gráfica. Nem havia uma periodicidade ou formato rígidos. Também não havia jornalista: entre 1979 e 1988, o jornal foi escrito basicamente pelos próprios diretores. O jornal só passou a registrar oficialmente a presença de um jornalista responsável a partir da edição 230 (16/06/1992). O expediente registrava como diretor de imprensa o jornalista e empregado da Caixa Econômica, Plínio Bortolotti e, como jornalista, Franzé Ribeiro. O grupo que dirigia o Sindicato nesta época era encabeçado pela funcionária do Banco do Brasil, Maria da Natividade Belém Pinho, ligada ao Partido Comunista Brasileiro.

O objetivo da criação do jornal nesse momento foi ajudar a entidade a trazer a categoria bancária de volta à mobilização e, mesmo sem qualquer padronização, desde o início, o jornal tinha uma boa aceitação da categoria. A prova disso era que a própria distribuição do periódico era vista como ameaçadora pelos gerentes e supervisores dos bancos, em especial, dentro das instituições privadas.

Em 1988, um grupo ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT) – Movimento de Oposição Bancária (MOB)



– vence as eleições para o Sindicato e Nelson Martins, funcionário do Banco do Brasil e atual líder do governo na Assembleia Legislativa, assume a presidência da entidade. O grupo implementa várias ações na estrutura do Sindicato, inclusive na área de comunicação: Plínio Bortolotti, jornalista, funcionário da Caixa Econômica Federal e diretor do Sindicato dos

Bancários, assume o departamento de imprensa e um outro jornalista é contratado para editar a *Tribuna Bancária*, que ganha mais profissionalismo e uma periodicidade regular (semanal) – que se mantém até hoje. Além disso, são feitas diversas mudanças na parte técnica e no aspecto editorial, que tornou o jornal mais moderno e atrativo.



A história do jornal se confunde com a história da categoria

Durante a ditadura militar, o Sindicato dos Bancários passou por três intervenções. A última acabou em 1979, quando a chapa de oposição ao interventor José Leite Jucá venceu a eleição e a entidade passou a ser comandada pela funcionária do BB, Maria da Natividade Belém Pinho.

Em 1985, 700 mil bancários deflagraram a primeira greve geral da categoria depois de 1968 apesar do Decreto-Lei 1.932 (1978), que proibia greves da categoria por considerar o serviço bancário essencial. A greve durou dois dias (11 e 12 de setembro) e foi a maior greve nacional de uma categoria até aquela data.

Em 1992, estoura o escândalo de corrupção no governo Collor e o Sindicato, e consequentemente, a **Tribuna Bancária**, se engajam na campanha Fora Collor com passeatas que pediam, além da saída do presidente, a recuperação do Plano de Cargos e Salários (PCS) e a reposição das perdas salariais.

A partir daí, o jornal passou a

ter um papel importante nas campanhas e bandeiras de luta encampadas pelo Sindicato. A Caravana contra a Privatização dos Bancos Estatais, dos Correios e da Petrobras foi um marco na história do sindicalismo cearense e exemplo para sindicatos de outros estados do País. Entre os anos de 1999 e 2001, auge do período neoliberal patrocinado pelo governo FHC, a Caravana percorreu 154 municípios do interior do Ceará e mais de 40 bairros de Fortaleza. “Esse foi um movimento de resistência que contribuiu para a permanência do BB, BNB, CEF, Correios e Petrobras como empresas do Estado brasileiro, até a chegada do governo Lula e o jornal era o instrumento de divulgação dessa nossa luta”, esclarece o secretário de Imprensa do Sindicato, Tomaz de Aquino.

Depois da Caravana veio a luta para eleger Lula presidente, quando parecia um mero sonho que um simples operário comandasse o maior País da América Latina. O apoio ao candidato do Partido dos Trabalhadores foi

deliberado no Encontro Estadual dos Bancários de 2002 (15 de julho de 2002) e durante o período eleitoral, o jornal dedicou várias páginas em prol da eleição de Lula.

Segundo o escritor Vito Giannotti, o jornal sindical deve ter por objetivo não só divulgar as atividades de cada sindicato, mas também analisar os acontecimentos, conscientizando a categoria e assim, cumprindo o papel que cabe às entidades sindicais como um todo. “O jornal não deve ser um mero propagandista do sindicato, e sim um idealizador de lutas na medida em que expõe o pensamento de seus líderes”, afirma ele. Daí, a atenção especial com o conteúdo, não só para seguir o caráter ideológico da diretoria, mas também para dar ao bancário a dimensão dos acontecimentos políticos do País. Com as edições semanais, o jornal procura não só noticiar, mas analisar as notícias e mostrando quais as implicações de tais ações na vida da categoria.

A Secretaria de Imprensa

A Secretaria de Imprensa do Sindicato é considerada uma das mais organizadas dentro do mundo sindical cearense, dispondo, além do jornal, de informes (enviados, por e-mail e fax para os bancários diariamente), um programa de rádio (Rádio Bancários, transmitido pela Rádio Universitária FM 107,9, de segunda a sexta, das 7h30 às 8h) e um site na Internet (www.bancariosce.org.br), atualizado diariamente. A **Tribuna Bancária** é finalizada às sextas-feiras e distribuída para todo o Estado, com uma tiragem de 11.500 exemplares.

Eventualmente, são elaboradas edições especiais por banco ou por tema. O objetivo é divulgar as reivindicações de forma rápida e, com isso, conseguir uma adesão forte ao movimento de pressão aos bancos e de respeito aos bancários, dada a

credibilidade que o jornal alcançou durante seus trinta anos de existência.

“O Espelho” é o nome de uma das mais tradicionais edições extraordinárias da Tribuna e é dedicado exclusivamente ao Banco do Brasil. Já o “Mandacaru” é o informativo da Comissão Nacional dos Funcionários do Banco do Nordeste do Brasil, mas não tem periodicidade definida. Os bancos privados também costumam receber particular atenção das TBs especiais. Além disso, a resistência do Sindicato dos Bancários contra a venda do BEC durou 11 anos e foi assunto de várias páginas da **Tribuna Bancária**, que retratavam as mobilizações populares, as audiências públicas e o forte período de batalha judicial.

No entanto, o principal assunto que explica a mudança da periodicidade da **Tribuna Bancária** é a Campanha Sala-

rial. Durante boa parte do segundo semestre do ano, o jornal dedica-se, quase todos os dias, a abordar a luta dos bancários por uma melhoria salarial e garantia dos direitos trabalhistas. Neste período, a Secretaria de Imprensa aumenta a sua produção motivada pela importância da temática para a categoria.

Já na semana do dia 8 de Março, o Sindicato distribui anualmente o periódico “**Essas mulheres e tantas outras...**”, que além de prestar homenagem a todas as mulheres do Brasil e do mundo, destaca os festejos da data na sede do Sindicato dos Bancários. Criado há três anos pelo Coletivo de Gênero, Raça e Diversidade Sexual (GREDS) da entidade, o jornal possui uma função social admirável, ressaltando temáticas relevantes, como a história dos direitos conquistados pelas mulheres e o desenvolvimento sustentável do meio-ambiente.

Site dá maior dinamismo à comunicação com os bancários

Desde 1998, a **Tribuna Bancária** possui um importante aliado na sua divulgação: o site do Sindicato (www.bancariosce.org.br), o público pode conferir semanalmente a TB em versão digitalizada. As edições são disponibilizadas em PDF, na mesma disposição da publicação impressa e através da divisão de todas as matérias produzidas em links, onde é possível acessar rapidamente a reportagem de acordo com o interesse particular do bancário.

Também estão disponíveis no site exemplares anteriores da **Tribuna Bancária** que contam a história dos últimos quatro anos de lutas do Sindicato dos Bancários do Ceará em favor da categoria. Ao todo, o site contém mais de cento e cinquenta publicações da **Tribuna Bancária**.

“A informatização também acrescentou outras ferramentas na comunicação da Secretaria de Imprensa do Sindicato. Dessa forma, os bancários e a sociedade em geral

podem se atualizar dos mais relevantes acontecimentos locais e nacionais”, afirma Tomaz de Aquino, diretor de Imprensa do SEEB/CE.

Além da **Tribuna Bancária**, a Secretaria ainda disponibiliza no site o Informe Bancário, arquivos de todas as cartilhas publicadas pela entidade, em PDF, para download, os últimos acordos coletivos por banco, as últimas Convenções Coletivas, além de poder conhecer a diretoria do Sindicato, bem como sua história.

“Por tudo isso, fica claro que nosso objetivo é levar ao bancário informações atualizadas e de qualidade, por isso investimos de maneira intensa na comunicação, usando todos os recursos que a tecnologia nos permite atualmente. O nosso jornal tem o objetivo de ser atuante não só para garantir os direitos da categoria, mas para informá-la sobre



os diversos assuntos do mundo do trabalho, que não interessam a grande mídia e, quando interessam, são divulgados de forma completamente distorcida. É esta a importância de um jornal sindical: informar e conscientizar e o nosso já faz isso há 30 anos”, finaliza Tomaz de Aquino.

O desafio da **comunicação sindical** hoje

Por **Vito Giannotti**

A **Tribuna Bancária** nasceu nos últimos anos de uma ditadura que foi implantada para calar a boca da classe trabalhadora. Nasceu em 1979, mesmo ano em que explodiram as primeiras greves de metalúrgicos, logo seguidas das de bancários, professores e todo tipo de trabalhador. No turbilhão destas greves renasceu a imprensa dos trabalhadores, a imprensa sindical. Nos vários estados nasceram centenas de jornais de trabalhadores com vários nomes: Folha, Tribuna, Diário, Correio, Informativo, entre outros. Todos voltados à informação, formação e politização da classe trabalhadora que saía de anos de repressão e opressão. Os bancários, quase um milhão na época, participaram, junto com milhares de outros trabalhadores, da criação de um novo partido, da legalização de antigos e criaram uma grande central das suas lutas, a CUT.

Nessa grande batalha os trabalhadores tiveram que disputar a hegemonia numa sociedade que tinha sido amordaçada e anestesiada pelos longos anos de ditadura. Os jornais sindicais, como a **Tribuna Bancária**, tiveram uma grande importância. Muitos desses jornais apresentavam a necessidade da luta por interesses imediatos e ao mesmo tempo a necessidade de lutar por uma nova sociedade. Lutar contra o arrocho salarial de quem estava trabalhando e contra o desemprego de milhões de outros brasileiros. Lutar contra as péssimas condições de trabalho e toda forma de exploração e, ao mesmo tempo, lutar para acabar com a Ditadura e avançar na construção de um país justo, livre e solidário.

A história da Tribuna tem raízes de mais de um século

O trigésimo aniversário da **Tribuna Bancária**, do Ceará, se encaixa numa longa história de centenas e milhares de jornais dos trabalhadores criados durante mais de cem anos, no nosso País.

Esta imprensa sindical renascida com a explosão das greves no final

da Ditadura estava continuando uma longa história da imprensa dos trabalhadores do Brasil. E esta, por sua vez, continuava a tradição dos trabalhadores de outros países que, logo que se organizavam em associação ou sindicato, criavam seu jornal.

No Ceará, antes de nascer a **Tribuna Bancária** em 1979, muitos jornais operários já tinham aparecido. De acordo com a historiadora da UFC, Adelaide Gonçalves, já em 1862, em Fortaleza, circulava o jornal O Artista. Na década de 1870, os tipógrafos publicaram O Colossal. Em 1882 de novo os tipógrafos criam outro jornal, de curta duração, A Greve. Em 1892, nasceu O Combate, de um recém criado Partido Operário Cearense e quatro anos depois é criado O Operário. Na década de 1920, entre os jornais mais conhecidos da imprensa dos trabalhadores, no Ceará, teve A Voz do Gráfico. A lista seria longa. O importante é ver as raízes do atual **Tribuna Bancária** no seu trigésimo aniversário.

Depois desta fase, na história da imprensa dos trabalhadores, houve o florescimento da Imprensa Alternativa, durante o duro combate contra a Ditadura militar, filha do Golpe de 64. Mais de 150 jornais alternativos circularam e ajudaram a lutar contra o regime de terror e opressão imposto pelo grande capital e pelo imperialismo dos EUA através dos militares. No Ceará teve vários destes 150. O mais conhecido foi O Mutirão, além de outros clandestinos como o ContraCorrente.

Qual o papel da Tribuna Bancária no quadro atual

Todos estes jornais falados acima, desde os primeiros jornais anarquistas, aos comunistas, e aos jornais alternativos se preocuparam em informar os trabalhadores e a população em geral. Dar uma visão dos fatos diferente do que a mídia empresarial sempre se empenhou em dar. O fato, desde sempre, é que a chamada “grande imprensa” tem dono. Ela é uma mídia empresarial, comercial, patronal. A imprensa que

Divulgação



Vito Giannotti é coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação

os trabalhadores sempre chamaram de mídia burguesa. Ela tem lado, o lado dos seus donos. Nossa mídia também tem lado. O lado dos trabalhadores, do povo. A **Tribuna** tem lado: o lado dos bancários e de toda a classe trabalhadora. A diferença é que nós declaramos que temos lado e não enganamos ninguém, nos dizendo neutros.

Por isso precisamos que a **Tribuna** seja muito bonita, com um conteúdo muito bom para ajudar a disputar a visão de mundo que o Sindicato dos Bancários do Ceará quer difundir. É uma disputa de projetos de sociedade, a partir do ponto de vista dos bancários do Ceará e de todos os bancários e trabalhadores do Brasil. Como se diz em linguagem política, é uma disputa de hegemonia. É uma luta contra-hegemonia.

Por isso, a responsabilidade da **Tribuna** é muito grande. Parabéns a vocês que mantêm este jornal há 30 anos. Parabéns por mantê-lo semanal e que possam acrescentar todos os outros veículos de comunicação que hoje temos à disposição, nessa disputa de hegemonia. Todos, do boletim eletrônico, à página na rede, ao rádio, aos torpedos pelo celular, ao blog, ao orkut e tudo o que puderem usar.

O desafio de criar uma **Imprensa** **Sindical**

NESTA EDIÇÃO, A REVISTA **O BANCÁRIO** ENTREVISTA O JORNALISTA PLÍNIO BORTOLOTTI, EX-SECRETÁRIO DE IMPRENSA DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CEARÁ, QUE CRIOU A ATUAL ESTRUTURA DE COMUNICAÇÃO DA ENTIDADE. NESSA CONVERSA, PLÍNIO FALA A RESPEITO DOS DESAFIOS DE INSTITUIR UMA IMPRENSA SINDICAL, COM A PADRONIZAÇÃO DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E DA CONSCIENTIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA ENTIDADE QUANTO À IMPORTÂNCIA DO INVESTIMENTO EM COMUNICAÇÃO. A PARTIR DISSO, ELE FALA AINDA SOBRE O PAPEL DE UM JORNAL SINDICAL E A IMPORTÂNCIA DOS 30 ANOS DA TRIBUNA BANCÁRIA PARA A IMPRENSA SINDICAL CEARENSE.

O Bancário – Fale um pouco sobre a profissionalização da comunicação no Sindicato dos Bancários. Quais dificuldades foram encontradas para profissionalizar a Assessoria na época?

Plínio Bortolotti – Não havia, até onde eu sei, nenhum sindicato de trabalhadores do Ceará que tivesse uma imprensa organizada e profissionalizada. Então, a primeira batalha foi convencer os diretores que a imprensa tinha que ser tratada profissionalmente: tinha que ter um funcionamento regular, tinha que ter profissionais, tinha que coletar notícias, verificar, tinha que fazer o que se faz quando se publica uma notícia. Essa foi uma primeira discussão que foi, digamos, vencida. A diretoria decidiu que a Imprensa teria esse caráter mais profissional e mais atuante. A segunda batalha, e essa eu considero a mais difícil, foi convencer os diretores que você tinha que ter algum método de trabalho: a Imprensa não era apenas para divulgar

discurso de diretores, mas ela tinha que ter uma linguagem mais adequada, uma linguagem jornalística e tinha que passar informações. Ou seja, a primeira função da Imprensa Sindical é repassar informações para sua base e não necessariamente, o discurso ideológico ou partidário dos diretores.

OB – O que pode ser constatado como melhoria alcançada por meio dessa profissionalização da Secretaria de Imprensa do Sindicato?

Plínio – Houve uma evolução grande no design do jornal e na regularidade, algo que sempre achei crucial para a Imprensa: um jornal sem regularidade acaba perdendo a credibilidade e não cria um hábito no leitor de ler. A **Tribuna Bancária** passou a sair toda a semana e sempre no mesmo dia.

Eu criei uma relação que continha tanto os jornalistas do jornal impresso como todos os programas noticiosos de rádio. Se houvesse uma informação importante da entidade, nós pegá-



Plínio foi o primeiro a visionar a estrutura da Secretaria de Imprensa do Sindicato dos Bancários como ela existe hoje: com assessor de imprensa, estagiários, diagramador,

totalmente computadorizada – o que para a época, 1988, era um avanço significativo.

A partir daí, o jornal do Sindicato – **Tribuna Bancária** – passou a ser semanal e a imprensa da entidade se profissionalizou – o que torna Plínio um dos pioneiros na imprensa sindical cearense.

No jornal O POVO desde 1997, Plínio passou por diversas editorias como repórter de Cotidiano e Política e editor de Opinião. Foi ombudsman do jornal por três mandatos (2005/2007). Atualmente é editor institucional do Grupo de Comunicação O POVO e integrante do Conselho Editorial do jornal. É ainda diretor da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji).

vamos aquela relação e ligávamos. Você mandava o jornal, informativo e release – quando era urgente, uma pessoa do Sindicato entregava aquilo em mãos etc. Isso não é nada muito excepcional, mas foi uma mudança grande na forma como o Sindicato encarava a Imprensa Sindical e a relação com a Imprensa Comercial. Procurei evitar que esse relacionamento fosse de confronto, de acusação contra a imprensa comercial, mas explicar as nossas propostas, a motivação de um movimento divulgado.

OB – Você esteve à frente da Secretaria como diretor e, anos depois, ocupou o cargo de assessor de imprensa da entidade. Como se deu esse processo de transição?

Plínio – Veja só, eu saí do Sindicato e voltei a trabalhar no banco. Depois de um ano, eu guardei o que se chama de “quarentena”: eu não deixei de ser diretor para ser funcionário. Voltei para a base, sem nenhuma relação com o Sindicato, e depois me chamaram para dar uma reorganizada no setor de Imprensa. Foi quando eu voltei.

OB – Já era um interesse seu exercer o ofício de jornalista no Sindicato dos Bancários do Ceará?

Plínio – A par do meu trabalho no banco, eu sempre procurei estar próximo dos jornalistas. Mesmo quando eu trabalhava na Caixa, e não era diretor do Sindicato, eu fazia jornais para os sindicatos. Durante um período, eu assessoriei o [deputado estadual] Nelson Martins, eu fui o primeiro assessor de Imprensa da CUT. Então, sempre estive mais ou menos próximo. Em 1997, quando eu saí da Caixa num PDV (Plano de Demissão Voluntária), eu passei a me dedicar exclusivamente ao Jornalismo.

OB – Qual a importância que você atribui ao jornal para a comunicação sindical?

Plínio – É uma importância crucial, principalmente quando não havia internet. E também não só o jornal. Uma outra coisa que eu incentivei a entidade a fazer, que foi na minha

gestão como diretor que surgiu, foi a Rádio Bancários. Eu defendia que o Sindicato tinha que falar para um público mais amplo do que apenas a sua base. O programa não falava apenas para os bancários, tinha humor feito pelo Falcão e pelo Tarcísio Matos. O programa tinha uma audiência muito grande, ia além do público da base. E atingir um outro público interessa ao Sindicato e interessa à CUT.



“ EU DEFENDI QUE FOSSE MANTIDO O NOME TRIBUNA BANCÁRIA, PORQUE ACHAVA QUE AQUILO ERA PARTE DA HISTÓRIA DO SINDICATO ”

OB – O que o exercício da comunicação sindical agregou à sua formação profissional?

Plínio – Foi importante. Hoje eu acho que é diferente você fazer assessoria e trabalhar num órgão tradicional da Imprensa. Por mais que você aplique e pratique o exercício de fazer um jornal noticioso, ainda assim, você está num outro ambiente que não

é o de uma redação de um jornal, de uma TV etc. Com todos os problemas que há em ambos os lugares. Mas é diferente você fazer jornalismo numa assessoria de imprensa ou em qualquer outro veículo tradicional nos meios de comunicação.

OB – Você pode lembrar alguma história que lhe marcou no período em que esteve como assessor da entidade?

Plínio – Uma questão muito interessante foi a edição de um jornal de cultura que teve um repercussão, eu posso dizer, até fora do País. Ele chamava-se “Make it New”, tinha um formato bem legal de um LP (Long Play). Editamos uns seis ou sete números. Mandávamos ele para o Brasil todo – ele chegou também a alguns países no exterior. Houve uma polêmica na escolha do nome. A diretoria levantou que o nome era muito americano, imperialista... virou aquela confusão... Aí teve um diretor que disse: se pelo menos fosse um nome em espanhol, vá lá. Mas em inglês!

OB – Você poderia deixar uma declaração sobre a comemoração destes 30 anos de Tribuna Bancária?

Plínio – Pra você ver. Quando nós entramos no Sindicato a primeira polêmica que teve foi sobre o nome do jornal, porque éramos oposição. E “Tribuna Bancária” era o nome do jornal que era da antiga diretoria. Então, a primeira coisa que uma boa parte da diretoria queria fazer era acabar com esse nome. Eu defendi que fosse mantido o nome, porque achava que aquilo era parte da história do Sindicato. Podíamos mudar a forma de fazer o jornal, a visão editorial, mas o nome do jornal está no patrimônio da categoria. Se isso não tivesse passado, não haveria esse celebração de 30 anos do jornal, possivelmente seria um outro nome.

E o jornal foi de importância fundamental para a categoria, ainda mais num tempo em que não havia internet. Foram feitas pesquisas (na época) mostrando que a credibilidade do jornal estava sempre acima de 80% e um alto índice de leitura.

Comunicação é o nosso foco

Assumi a Secretaria de Imprensa do Sindicato em gestões anteriores, mas de fato o trabalho maior, até por conta da continuidade, foi a partir de 2003, quando assumi a Imprensa de uma forma articulada. Estamos iniciando o segundo mandato a partir de setembro de 2009. Nesse período investimos muito na melhoria da qualidade dos nossos meios de comunicação, principalmente no jornal *Tribuna Bancária*, que era no início um jornal acanhado, pequeno, tamanho ofício. Transformamos o jornal em tablóide, com quatro páginas e hoje temos o

Collor, quando os bancários tiveram uma grande participação e o Sindicato ajudou muitas entidades envolvidas, principalmente as entidades estudantis.

Tivemos também grande participação nas campanhas eleitorais, em que Lula participou já a partir de 1989. O Sindicato foi o primeiro no Estado que definiu numa assembleia apoio à candidatura de Lula. De lá pra cá, sempre foi tirada a mesma posição, com apoio a candidatura popular e democrática, uma candidatura que permitisse aos trabalhadores lutar pelos seus interesses. Essa atitude mostra que



Tomaz de Aquino é jornalista, funcionário do BNB, atual secretário de Imprensa do Sindicato dos Bancários e ex-presidente da Entidade

“ A NOSSA *TRIBUNA BANCÁRIA* REFLETE A AÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS, UMA ENTIDADE QUE ATUA ALÉM DOS INTERESSES CORPORATIVOS, SE ENVOLVE COMO NÃO PODERIA DEIXAR DE SER, EM TEMAS RELEVANTES DA SOCIEDADE... UM INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO COMO A TRIBUNA, QUE SE MANTÉM ININTERRUPTAMENTE POR 30 ANOS, SIGNIFICA QUE ELE CONSEGUE PENETRAR BEM NA CATEGORIA E CONSEGUE SEUS OBJETIVOS ”

formato A3, com mais espaços para discussão de todos os assuntos de interesse da categoria, e até mesmo temas mais gerais da sociedade. A *Tribuna Bancária*, com essa nova feição, tem sido bastante aceita pela categoria.

A nossa *Tribuna Bancária* reflete a ação do Sindicato dos Bancários, uma entidade que atua para além dos interesses corporativos, se envolve, como não poderia deixar de ser, em temas de relevante interesse da sociedade. O Sindicato é uma entidade que tem uma estrutura física e financeira muito boa e por isso tem participado em todos os momentos importantes da história do nosso País e do nosso Estado. Podemos destacar nesses anos todos em que a Tribuna existe, o impeachment do

o Sindicato tem uma visão estratégica do que representa a política para os trabalhadores.

Participamos ativamente de debates sobre economia nacional, mostrando os diversos pontos de vistas, através de nossos editoriais e artigos para orientação e tomada de posição dos nossos leitores em relação aos problemas que dizem respeito ao nosso País, tanto no campo econômico, como social e político.

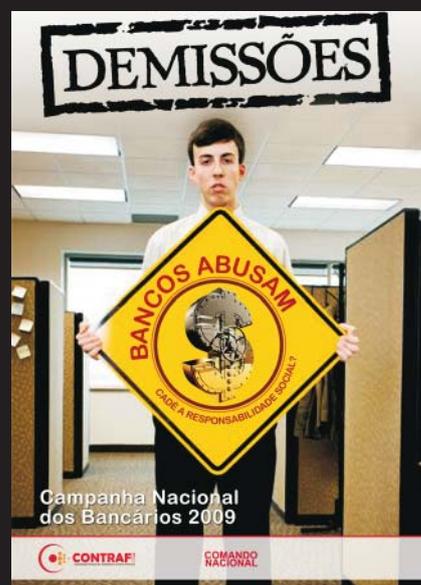
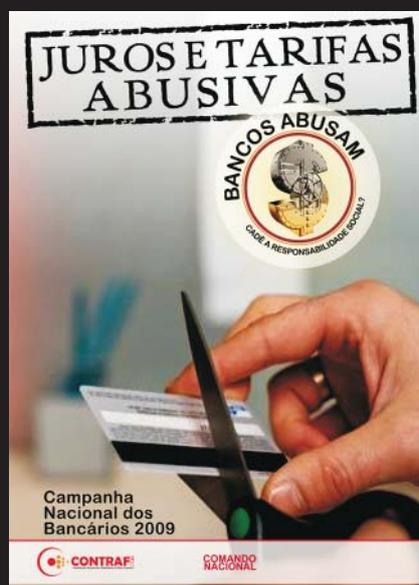
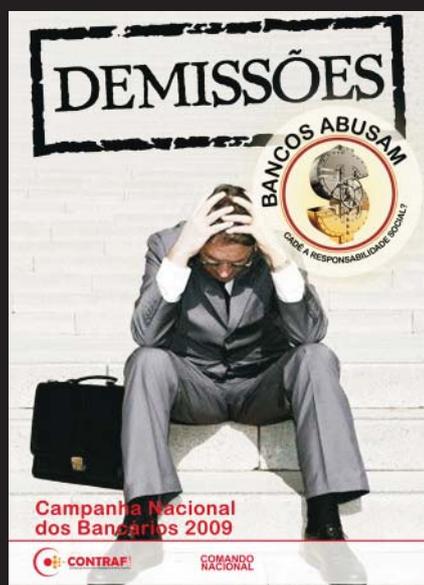
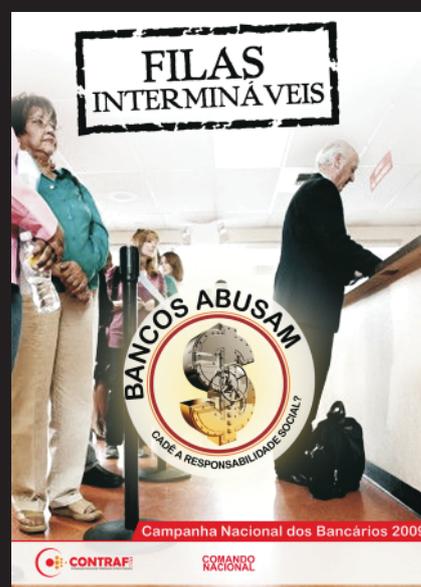
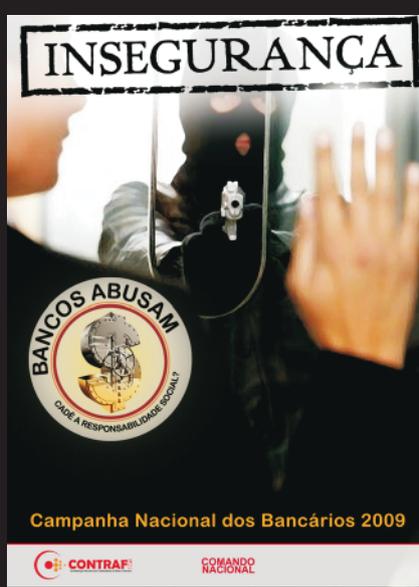
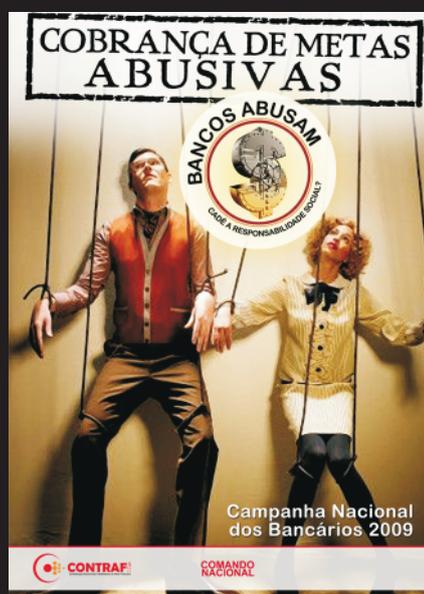
Um instrumento de comunicação como a Tribuna, que se mantém ininterruptamente por 30 anos, significa que ele consegue penetrar bem na categoria e consegue seus objetivos. Nós entendemos que nesses 30 anos, o nosso jornal tem contribuído para

um debate dentro da categoria, que tem beneficiado o próprio Sindicato, no sentido de que hoje é uma entidade reconhecida nacionalmente, que tem seus valores e lutas firmes e fortes em defesa dos trabalhadores.

Nossa expectativa é que esse jornal possa ser ampliado, pois existe uma demanda na categoria por outras áreas, que buscamos atender. Daí porque vamos criar outros espaços atrelados à política editorial da *Tribuna*, que venham cobrir questões de caráter mais geral, como cultura, lazer, educação, saúde etc, buscando até mesmo um conceito de revista.

Também procuramos constantemente aperfeiçoar outros mecanismos importantes da nossa área de Comunicação, como o programa Rádio Bancários, aonde temos trabalhado para melhoria cotidiana da programação fazendo um acompanhamento e formatando um programa agradável, não só para categoria, mas para o público em geral. Destacamos ainda o nosso site na internet com informações atualizadas de interesse da categoria, aberto sempre ao debate dos grandes temas.

Peças da Campanha Nacional dos Bancários 2009 lançada pela Contraf-CUT





BANCOS ABUSAM

DEMISSÕES • INSEGURANÇA • FILAS • JUROS E TARIFAS ALTAS

CADÊ A RESPONSABILIDADE SOCIAL?

CAMPANHA NACIONAL DOS
BANCÁRIOS 2009



COMANDO NACIONAL
DOS BANCÁRIOS



 **Sindicato dos
Bancários do Ceará**

